

SIMPLESMENTE EU'S¹: ANÁLISE DA IDENTIDADE DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO PARTICIPANTES DE PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

Luana da Silveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ

Doutoranda em Psicologia Social

E-mail: luanadasilveira76@gmail.com

1. CONVERSACIONES INICIAIS

Quantos sou? Quem é esse intervalo entre eu e mim?

Fernando Pessoa

Quantos *eu's* podem habitar um *Eu*? Haverá modos de esfacelar essa suposta unidade e fazer do *milagre da multiplicação*² uma revolta?

Na contemporaneidade, muitas são as lamúrias pelos abalos da identidade individual, cultural e social engendrados pela globalização, que tem implicado em proliferação de intercâmbios e comunicações.

Em vários estudos, a temática da migração está acoplada com a da identidade, abordando-se que as perdas de referenciais geram frangalhos identitários e identificatórios, surgindo a necessidade de construção de novos referenciais e pontos de equilíbrio para suportar a desestabilização.

Estudante? Profissional? *Estudante profissional*? Pesquisador e/ou aprendiz de? Trabalhador imaterial? Autor? Migrante?

¹ Homenagem a Clarice Lispector, minha eterna musa, que problematiza a existência de modo poético, cuja obra foi transformada na peça teatral 'Simplesmente Eu', interpretada por Beth Goulart.

² Milagre ou partilha?

A dificuldade em conferir uma ‘identidade’ aos estudantes de pós-graduação em situação de intercâmbio internacional, nos dá pistas importantes para problematizar o atrelamento entre migração e identidade, a que este trabalho se propõe.

A construção da categoria do migrante só foi possível com a constituição de diferentes olhares e de um olhar da diferença. Temos que problematizar a captura, desativação e governo da potência desestabilizadora da diferença, e nos abrir à experiência inquietante da alteridade, produzindo outros olhares sobre o fenômeno da migração como *contágio cultural*.

2. EFEITO GREMLINS³

Imbuído de uma vontade privada de encapsulamento do desejo, da diferença, do diferente, o projeto da modernidade com seus tentáculos vivos e ávidos cria múltiplas formas de exacerbação da intolerância, do preconceito e da exclusão, através de sua expansão *racionalizadora, civilizadora e colonizadora*. Uma de suas estratégias é catalogar a diferença em etiquetas perfeitamente identificáveis (SKLIAR e LARROSA, 2001; FERREIRA, 1996; GUATTARI e ROLNIK, 1986).

Para o processo de *etiquetagem*, não faltam operários e operadores no universo acadêmico. Do que é mesmo que estamos falando quando nos referimos à identidade, este conceito ambíguo e polêmico?

O conceito de identidade remete a idéia de mesmo, de idêntico, de permanência, unidade, de diferente do outro (JACQUES, 2003). Implica no reconhecimento de padrões estabelecidos, com fronteira estável, segura, visível, para poder consolidar-se num *eu*. E este eu não é o *outro*. É algo próprio, exclusivo do indivíduo ou de determinado coletivo.

Numa tentativa de romper com a concepção de identidade como algo estático, Ciampa⁴ (*apud* LANE e CODO, 2004, p. 74) coloca que “identidade é movimento, é

³ Filme americano de 1984, dirigido por Joe Dante e produzido por Steven Spielberg. Gremlins são criaturas endiabradas, que têm uma risada sinistra e diabólica, se multiplicam com a água e não gostam da luz forte e podem ser mortos pela luz do sol.

desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação”. Mas que se apresenta de modo estático, como uma fotografia, o que acaba escamoteando seu processo de produção.

Pollack (1992) problematiza a relação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida ou “daquilo que hoje, como nova área de pesquisa, se chama de história oral (p.200). Segundo o autor, vários estudos têm abordado questões referentes ora ao problema da memória, ora ao problema da identidade, tendo sido crescente o interesse em articular as duas temáticas.

Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLACK, 1992, p.206).

Corsini (2007) propõe o entendimento da identidade como multiplicidade, relação e produção de diferença, contrapondo-se à perspectiva binária e determinista. Para a autora o conceito de identidade e muitos dos sub-conceitos derivados, como identidade cultural, ainda é relevante e útil “quer seja em uma dimensão filosófica – desde que a pensemos em termos de processo, de produção de diferença –, quer seja na perspectiva dos fenômenos sociais – ajudando-nos a nos situar nos contextos das nossas relações” (p.54).

Contudo, mesmo problematizando o conceito, ao não abandoná-lo acaba apenas *reformando* um conceito que é *reacionário* (GUATTARI e ROLNIK, 1986). Para Guattari “a identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários” (2000, p. 68). É um modo de captura da existência, que passa a ser localizada, identificada, fixada. E fixar significa dominar (MAFFESOLI, 2001).

Nesta perspectiva, na qual este trabalho se baseia, entende-se que a posição de migrante, de poder circular pelo mundo sem se prender a nacionalidades, sem

⁴ Psicólogo social brasileiro, professor da PUC/SP, um dos principais pesquisadores sobre o tema na atualidade.

pertencimentos absolutos a culturas ou Estados, detona a ilusão da identidade, denuncia que todos somos multiplicidade (DELEUZE, 1997).

Temos que ficar atentos para a ambiguidade de certas palavras como diversidade, tolerância, pluralidade, inclusão, integração, reconhecimento, respeito, que ao mesmo tempo podem significar tudo e nada. Acima de tudo, sugerem que “a questão é administrar as diferenças, identificando-as, e tratar de integrar todos em um mundo inofensivamente plural e ao mesmo tempo burocrática e economicamente globalizado (LARROSA e SKLIAR, 2001, p. 11).

Usando a metáfora de *Babel*, Larrosa e Skliar denunciam:

a ruína de todos os arrogantes projetos modernos e ilustrados, com os quais o homem ocidental quis construir um mundo ordenado à sua imagem e semelhança, à medida de seu saber, de seu poder e de sua vontade, por meio de sua expansão racionalizadora, civilizadora e colonizadora (2001, p. 9).

A partir desta denúncia, propõem a ruptura com o mito totalitário que parece ser responsável pelas sangrentas conseqüências dos dois últimos séculos e ainda presente neste século, que atravessam a experiência da migração, inclusive nos espaços acadêmicos.

Para compreender a dinâmica da migração, o conceito de identidade é perigoso e inadequado, por isso prefiro falar em produção de subjetividades, em modos de subjetivação, que em sua experiência com o tempo, emergem como planos de produção ininterruptos.

Multiplicai-vos! Gremlins em ação!

3. MIGRAÇÃO E MODOS DE EXISTÊNCIA

As dimensões da subjetividade afirmam-se em toda sua potência e ambigüidade na globalização, redesenhando o território global, desconstruindo fronteiras e soberanias, desestruturando as dimensões espaciais do ciclo de produção e reprodução do capital.

Leonora Corsini

A partir da lógica de circular para produzir, novas formas de exploração e da composição técnica do trabalho engedram novos mecanismos de socialização do

conhecimento (COCCO e MALINI, 2002). Neste processo, muitas pessoas, mergulhadas em jogos de forças complexos e descontínuos, avaliam sua experiência migratória, os seus novos modos de vida e seus desdobramentos. Muitos estudantes com bolsa para doutorado sanduíche questionam o seu retorno, porque a experiência incita o desejo de permanência e alguns não retornam a seus países, enquanto outros não suportam a experiência disruptiva da migração e retornam antes do tempo previsto.

Tensão permanente que exige a afirmação de escolhas a todo instante. É a vida pulsando numa roda-viva que expõe a carne às intempéries do tempo. Como inventar novos modos de estar e habitar a vida? Por onde andar?

O processo de desterritorialização, permeado por incertezas, angústias, ao mesmo tempo que amedronta, possibilita a invenção de novos territórios. O que também implica uma abertura receptiva e afetiva para penetrar as entranhas do novo território, para o qual torna-se de suma importância se perder na cidade como tempo do cultivo e da habitação de um território existencial. Assim, numa espécie de desligamento dos planos da movimentação automática e incerta do dia-a-dia, imprime-se uma concentração de uma estranha atenção desfocada, uma espreita atenta a diversos eventos inesperados, disposição a perder tempo e assim ganhar mais intimidade. Conforme Alvarez e Passos (2009), após a habitação da cidade, novos hábitos vão sendo engendrados através de experiências concretas e as generalizações vão se encarnando em novas ideias e conceitos corporificados.

Para colocar em análise esses processos, a partir da contribuição de Larrosa (2002) e outros aliados, entende-se por *experiência* uma ética, estética e política existencial, marcada por aquilo que nos passa, que nos acontece, que nos toca, invocando travessia e perigo. É regida pela incerteza, que abre o campo da possibilidade, sem antecipar seus resultados, compondo com a realidade, expressando o movimento e a multiplicidade desta.

O processo da migração provoca turbulências nas noções de tempo e espaço. Em uma perspectiva deleuziana, Peter Pelbart (1998) concebe o tempo como massa modulável, signo de uma pluralidade intensiva, não uniforme, não homogênea, mas como potência, imanente, singular, ponto de paciência, de tédio, insípido, caótico e intempestivo. O tempo só é acessível via espaço, entendido como espaçamento vertiginoso, estado intensíssimo quando habitamos uma distância assustadora, traduzida em atordoamento. “No tempo, mais dois elementos que coexistem, presente que não

pára de passar, o passado que não pára de ser, mas pelo qual todos os presentes passam. O passado como condição de passagem dos presentes” (PELBART, 1998, p. 37).

Para compreendermos a experiência da migração é necessário colocar em análise a produção de subjetividade engendrada neste processo:

trabalhada por agenciamentos coletivos de enunciação, a subjetividade é o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação, com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, 1992, p.19).

O processo de subjetivação é duplamente descentrado, não estando centrado nem no indivíduo nem em agentes grupais, com máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual, infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal. (GUATTARI e ROLNIK, 2000).

Este conceito rompe com a herança da modernidade produtora das clássicas dicotomias com a objetividade, indivíduo-sociedade, corpo-psiquismo, interior-exterior, e com as noções essencialistas e universalistas do sujeito intrapsíquico, egóico, abstrato. É uma noção inseparável da noção de produção, cujas máquinas sociais são muito variadas. Subjetividade, portanto, fabricada e modelada no registro social, matéria- prima para o desenvolvimento de forças produtivas, o que significa desnaturalizá-la, analisar seus planos diversos de multideterminação, com direções divergentes, conflituosas, que travam lutas por hegemonia.

Como aponta Guattari, é necessário:

Forjar uma concepção mais transversalista da subjetividade, que permita responder ao mesmo tempo a suas amarrações territorializadas idiossincráticas (Territórios existenciais) e a suas aberturas para sistemas de valor (Universos incorporais) com implicações sociais e culturais (1992, p. 14).

Subjetividade pulsátil, vibrátil que desenha e redesenha um diagrama de conexões (PARPINELLI e SOUZA, 2005). Entretanto, este devir pode ser atravessado por fluxos estratificantes e territorializantes que podem desembocar em subjetividades engessadas, ameaçadas de paralisia. Guattari (1992) aponta que muitos movimentos podem encarnar em territorializações conservadoras e/ou subversivas da subjetividade, que dependem das articulações com os agenciamentos coletivos de enunciação.

A subjetividade é atravessada por um aglomerado de forças heterogêneas, que emergem nos encontros, nas relações, sem nenhuma primazia hierárquica de qualquer componente ou determinante, com possibilidade de *autopoiese*⁵ permanente.

Rolnik (2000) afirma que a subjetividade possui uma face formal, na qual o indivíduo se reconhece, e outra sensível, correspondente à capacidade de afetar e de ser afetado por universos cambiantes, produtores de sensações e desestabilizações. Esses processos geram modos de singularização, inventivos e resistentes à subjetividade serializada, e exercem pressões desencadeadoras de tensões, desestabilizações e sofrimento.

Mezzadra (2004) faz reflexões importantes sobre as singularidades concretas configuradoras da subjetividade das migrações contemporâneas. Para o autor, as experiências migrantes são vivenciadas como ponto de intersecção entre a liberdade do sujeito e a ação de barreiras e limites impostos a essa liberdade por instituições e tecnologias de poder.

Este autor entende que as migrações sustentam o capitalismo, o que produz subjetividades a partir da tensão permanente entre o desejo de mobilidade e as tentativas de controle e captura por parte do Estado. Segundo ele, o capitalismo pode ser caracterizado como uma tensão estrutural entre, por um lado, o conjunto de práticas subjetivas a partir das quais se expressa a mobilidade do trabalho e, por outro, a tentativa do capital de exercer sobre essas práticas um controle despótico, através da mediação do Estado.

É neste sentido que Corsini afirma:

Hoje o termo de uso corrente é o de “viver junto”, mais adaptado à diversidade de hábitos lingüísticos, culturais, e de modos de vida. Ao invés de opor as raízes culturais do país de origem às do país de acolhida, a idéia é de compor uma negociação entre vínculos e compromissos religiosos, familiares, culturais e identitários. Mas, este seria um processo muito longo, sinuoso e complexo que, como já vimos, mascara a tendência etnocêntrica, autoritária, derivada de uma ideologia universalista e assimilacionista que desconsidera sistematicamente as disposições subjetivas, singulares e autônomas dos migrantes (2007, p. 98)

⁵ Para Maturana e Varela a autopoiese é a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

Deleuze e Guattari (1997) analisam dois modos de subjetividade, a do nomadismo e a da migração. O migrante é o que vai de um ponto determinado a outro, enquanto o nômade é aquele que sente toda a terra como seu habitat. Ele não quer sair de um lugar, é obrigado a isso. E quando o faz, não tem um destino planejado. O nômade se move de maneira turbilhonar pelo espaço. E faz das suas roupas e pertences, o seu "território". O nômade nunca muda, ele sempre está em casa. A subjetividade migrante estaria fortemente marcada por uma busca incessante numa só direção, na busca de algo que possibilite a estabilização, uma espécie de assujeitamento ao novo, uma submissão a ordem ou uma marginalidade na loucura. O processo de desterritorialização é marcado pelo desejo de reterritorializar em direção a um ponto.

Corsini (2007), por outro lado, aborda não só a existência da subjetividade migrante, mas também no migrante como produtor de subjetividade, positivando esse processo “uma coisa que podemos afirmar com relação ao migrante é que se trata de alguém que deseja mudar” (p.16). Nesta mesma direção, Ferreira (1996) defende que a subjetividade migrante perpassa pelo processo de abertura ao outro.

A mobilidade humana, não pode ser entendida apenas nos aspectos macropolíticos sem entrelaçar com os micropolíticos, com o desejo de liberdade, de autonomia, de suplantar limites, de derrubar fronteiras territoriais geográficas e existenciais. Há que se reconhecer sua força instituinte e imanente, que nos impele a um olhar para nós mesmos, como também reconhecer todo o processo disruptivo que permeia essa experiência, muitas vezes como gerador de sofrimento e adoecimento.

A experiência do migrante pode ser extremamente rica, os processos de ruptura, perplexidade, desorientação, estranheza e diferença podem propiciar uma invenção de si e do outro, que ao mesmo tempo pode ser dolorosa e potencialmente criativa. Ferreira (1996) fez uma revisão de estudos epidemiológicos e históricos sobre a migração, enfocando as controvérsias de seus resultados quanto à relação entre migração e adoecimento por estar “assentado dentro de certa visão paradigmática sobre a migração, onde podem ser destacados valores, tais como o etnocentrismo”(p. 9).

Vários estudos sobre migração pontuam que essa experiência gera *choque cultural* ou *estresse de aculturação*, como produto do processo de mudança. Segundo Silva (2004), este choque cultural se expressa por uma espécie de saudosismo, estresse e pressões, frustração, fadiga mental, dificuldade sobre como trabalhar e se relacionar com os outros, tédio, perda da motivação, hipersonia ou insônia, dores musculares.

Também se expressa através da raiva dos “nativos”, quando vê frustrado seu desejo de retornar para casa, e sentimentos de impotência por não se sentir capaz de lidar com o novo. Estes sintomas se intensificam por causa da diferença da língua, do clima, da alimentação, entre outros (HANNIGAN, 1997 *apud* SILVA, 2004).

Para o autor, estas dificuldades e estranhamentos acontecem no momento tanto da partida quanto do regresso. Em ambos os casos, há a exigência de reterritorialização, tal como acontece com estudantes que regressam à sua cultura (FUROKAWA, 1997 *apud* SILVA, 2004). O que provoca depressão, ansiedade, preocupação, tédio, interferindo na construção de laços, de planos e até mesmo na produção cotidiana.

Rolnik (2000) analisa a construção de sintomas, que funcionam por insistência na referência identitária, uma espécie de sedativo contra o mal-estar vivido no movimento existencial de poder vir a ser outra composição. A recusa do novo, da aventura na processualidade inerente à vida, faz eclodir o sintoma, que corresponde a uma paralisação, um encapsulamento provocado pela política globalizante de extinção das diferenças e produção de identidades totalitárias e rígidas. Nessa perspectiva, com a qual compartilho, o sintoma no migrante pode ser entendido como uma *teimosia em ser idêntico a si mesmo sempre*, a partir de agenciamentos coletivos que incitam o enrijecimento. Não é a perda da identidade, lamúria contemporânea, que gera sofrimento, mas a insistência no mesmo, o que esconjura o estranho e o inédito, bloqueando linhas inventivas de existencialização na experiência da migração. A circulação da vida fica enclausurada em ilhas-território, marcadas por uma espécie de sofrimento intermitente, comprometendo as novas e antigas relações sociais.

Problematizar o processo paradoxal da migração é crucial para colocar em análise modos de existência que são produzidos pelas experiências disruptivas. Estas considerações são relevantes neste trabalho, que visa articular a formação ao processo migratório. Para Rocha (2007), o processo da formação é paradoxal. Tanto produto do encontro das práticas de assujeitamento uniformizadas – na temporalidade da instituição de ensino, entendida como usuária e usina do conhecimento – quanto produto de uma potência de campos de afecção, de territórios de intensidades geradoras de movimento, configurando a formação como acontecimento⁶.

⁶ Instância que participa de registros temporais, de modo que os acontecimentos encarnem nos corpos e estados de coisa, bem como acontecimento puro, caracterizado nas palavras de Deleuze como “sempre

O estudante pode experienciar tanto o isolamento no seu processo de produção, como também a solidão produtiva que “não é isolamento, pelo contrário, é afecção, e reconciliar-se com a solidão é a condição de singularização de caminhos e práticas” (Rocha, 2007, p.40). A situação de migrante pode intensificar esse processo e/ou gerar sofrimento psíquico.

Os estudantes migrantes são atravessados por experimentações disruptivas, tanto no cotidiano na sua relação com pessoas, com o tempo, espaço, língua, clima, alimentação, entre outros, como pelo próprio processo da formação e de produção de trabalho imaterial, cognitivo. Ao se problematizar tais processos, algumas interrogações surgem sobre modos de vida que são inventados e/ou paralisados nos seus interstícios, considerando-se que o paradoxo e o sofrimento são constitutivos da migração, sendo que este pode ser transformado “em um evento potente, uma insurreição radical” (CORSINI, 2007, p.197).

Os espaços acadêmicos têm sido atravessados por uma lógica administrativa que estrangula o fluxo virulento do pensamento inventivo, o que nos impele a interrogar sobre os imperativos de transformação de si em debate com as normatizações, padrões de eficiência, modelos bem-sucedidos apontados como formação competente. Para exemplificar, podemos pensar sobre o efeito *lattes* que sofremos atualmente, que é gerador de uma corrida desenfreada para produzir, publicar e acumular pontos nos currículos cheios de estrelas e redes, cuja plataforma, jocosamente, vem sendo apelidada de *Orkut acadêmico*.

Como habitar inventivamente a academia na atualidade sem um devir outro no rigor e na eficácia? O que está em questão nas experiências de migração, no situar-se, quando tudo muda menos a aceleração das exigências adaptativas e prescritivas? Quais são as alianças possíveis para escapar do isolamento e potencializar afecções que possam engendrar processos de singularização através da solidão produtiva?

Sem a pretensão de responder às estas questões e tampouco propor *receitas*, aposta-se em funcionamentos institucionais que primem pela produção coletiva, apostem na autogestão, como uma abertura à estética geradora de bons encontros.

4. CONVERSÇÕES AINDA EM CURSO

A mobilidade contemporânea tem possibilitado novos trânsitos pelo mundo, cartografias de novos territórios e a habitação de espaços outros na busca por novos inscritos existenciais. Movimento ao mesmo tempo de resistência e captura, que engendra a análise das relações com a alteridade e a diferença, atravessadas pela ‘dor e delícia’ da vida coletiva cotidiana.

Ao mesmo tempo, a experiência abre perspectivas para outras conexões, construção de outros fios, o que implica numa profunda mudança cultural para lidar com o *migrante outro* e o *migrante que habita em nós*, evitando a eclipse da memória, o entorpecimento das vivências, e nos convidando ao devir, à capacidade de diferir.

Fluidez, fragmentação e transitoriedade, como modos de subjetivação das experiências migratórias contemporâneas, apontam para a impossibilidade de simplificar, reduzir ou integrar em uma definição única e ao mesmo tempo diversa a multiplicidade destas experiências, e ainda mais a especificidade dos estudantes. Há que se desatrelar identidade e migração!

A migração e o nomadismo incitam “um sonho pregnante que lembra o instituidor, e por aí relativiza o peso mortífero do instituído” (Maffesoli, 2001, p. 40). Apontam para o destino da errância, eivado de força: potencialmente perigosa e potencialmente criativa. “Nada pode represar seu fluxo. O movimento ou a efervescência está em todas as cabeças” (Maffesoli, 2001, p. 27).

Se a existência abre portas, refere-se a uma saída de si, uma fuga, uma explosão, há que se entregar ao seu perpétuo devir. Poder, de algum modo, viver das utopias intersticiais (Maffesoli, 2001).

O errante, aquele que provoca desassossego, que perturba a ordem, que explode incertezas, peregrina como um profeta.

A figura do profeta, qualquer que seja o nome que se lhe dê, exprime de maneira paroxística a realização dessa “distância unida”. Em constantes peregrinações, sempre à margem, vivendo e suscitando a aventura, o profeta está nas encruzilhadas. Seu discurso está sempre no limite, sua atitude é um desafio ao instituído (Maffesoli, 2001, p. 83).

Em tempos obcecados pela mobilidade, há que se tomar cuidado com falsos profetas que prometem um mundo dinâmico, móvel. Precisamos incitar fundamentalmente modos de subjetivação nômades, aceder às errâncias do desejo (Guattari, 1992). Sentir-se provocado, perturbado pelo convite de Peter Pál Pelbart:

Trata-se do direito de diferir de si mesmo, de se descolar de si, desprender-se da identidade própria e construir sua deriva ao acaso dos encontros e das hibridizações que a multidão nos propicia. (...) É uma subjetividade multitudinária, processual, aberta à sua dimensão de alteridade e itinerância própria (Pelbart, 2003, p. 126).

5. REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J & PASSOS, E. *Cartografar é habitar um território existencial*. IN: PASSOS, E., KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L. (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ASSIS, G. O. **Estar aqui, estar lá:** uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, jun.2002. 170p.

CIAMPA, A. *Identidade*. IN: CODO, W. & LANE, S. T. M. (orgs.). **Psicologia Social: o Homem em Movimento**. SP: Brasiliense, 2004.

COCCO, Giuseppe e MALINI, Fábio. **Circular para produzir: novos mecanismos de socialização do conhecimento**. *Revista Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade*. Rio de Janeiro: IETS, 2002.

CORSINI, L. F. **Êxodo constituinte: multidão, democracia e migrações**. 2007. 223f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro [2007].

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Conversações**. Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.5. São Paulo: ED. 34, 1997.

FERREIRA, A. P. **A migração e suas vicissitudes: análise de uma certa diversidade**. 1996. 222f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [1996].

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

JACQUES, M. G. **Identidade**. IN: STREY, M. N. (ET AL.). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2003. 8ª. ed.

LARROSA e SKLIAR (org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. BH: Autêntica, 2001.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, jan/fev/mar/abr, nº 19, 2002.

MAFFESOLI, M. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. RJ: Record, 2001.

MEZZADRA, Sandro. **Derecho de fuga: migraciones, ciudadanía y globalización**. Madri: Traficantes de Sueños, 2005.

PARPINELLI, R.S. e SOUZA, E. W. F. **Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, set/dez, 2005, v. 10, n. 3, p. 479-487.

PELBART, P. P. **O tempo Não Reconciliado.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROCHA, M. L. *A formação como acontecimento: solidão, pensamento e autogestão.* IN: MARCONDES, A. M. M.; FERNANDES, A. M. D.; ROCHA, M. L. **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 37-48.

ROLNIK, S. **Novas figuras do caos: mutações da subjetividade Contemporânea.** IN: FONSECA, T.; FRANCISCO, D. (orgs.). **Formas de ser e habitar a contemporaneidade.** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000, p. 63-70.

SILVA, M.A.M. **Migração e adoecimento: a cultura e o espaço de simbolização da doença.** Tese de Doutorado (Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas). CAMPINAS – SP, 2004.